

Congresso americano organiza treinamento obrigatório antiassédio

Chloe tem um chefe que lhe envia mensagens tarde da noite, elogiando seu vestido. Ele a convidou para jantar dizendo que seria “bom para a sua carreira”, e tem o hábito de tocar nos seus ombros e braços. É assédio?

[\(Folha de S.Paulo, 29/11/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Essa é uma das perguntas que servidores e membros do Congresso dos EUA deverão responder, em um treinamento sobre assédio sexual que começou nesta semana.



Mulheres carregam faixa com fotos de políticos e celebridades acusados de assédio sexual nos EUA (Foto: Mark Ralston - 12.nov.2017/AFP)

O mundo político foi pressionado a se posicionar depois que [um senador](#) e [um](#)

[deputado](#), além de [um candidato ao Senado](#) (por enquanto), foram acusados de assédio.

Membros do Congresso se uniram e propuseram mais transparência sobre o tema. O Senado foi o primeiro a aprovar uma resolução que estabelece treinamento obrigatório para todos os seus funcionários. Até mesmo os senadores estão sendo obrigados a frequentar as aulas.

“Queremos que isso cesse imediatamente”, afirma Paula Sumberg, do escritório de conformidade do Congresso, que comanda o treinamento. Parte do material está disponível on-line, e a reportagem assistiu a uma das lições.

O treinamento explora todas as nove formas de discriminação contra servidores estabelecidas numa lei federal de 1995. O assédio sexual é uma delas. Mensagens de texto e em e-mails pessoais, explica o curso, também configuram a prática.

“Falta de civilidade e habilidades sociais” ou uma “simples provocação”, não. Pelo menos, diante da lei.

“Queremos chegar ao ponto em que até algumas provocações cessem”, diz Sumberg.

Os slides detalham dois tipos de assédio sexual: um é o relacionado, implícita ou explicitamente, a uma vantagem ou punição ao empregado. Como na mensagem a seguir: “Estou fazendo sua avaliação. Falando nisso, você está disponível para jantar hoje?”. Um convite que sugira que um encontro “pode ser bom para sua carreira” também cai nessa categoria.

A aceitação passiva ou a ausência de reação pelo assediado “não significa que a conduta seja bem-vinda”, frisa Sumberg.

O outro tipo de assédio é pela criação de um ambiente de trabalho hostil —por meio, por exemplo, do compartilhamento entre colegas de fotos de biquíni de uma funcionária.

Outro exemplo mencionado é o de uma servidora cujos seios são agarrados por um supervisor. O curso pergunta: “Isso configura um ambiente de

trabalho hostil?”

“Espero que você tenha dito sim”, afirma Sumberg, no vídeo. “Na verdade, pode até ser um crime.”

O curso do Senado faz um apelo para que os servidores denunciem a prática.

ACORDOS TRABALHISTAS

Dados do governo americano mostram que 44% das servidoras da administração federal dizem ter sofrido assédio sexual. No Congresso, mais da metade das queixas é relacionada a isso.

Em média, custam US\$ 53 mil aos cofres públicos americanos em acordos trabalhistas —nos últimos 20 anos, eles somaram US\$ 12,7 milhões.

Tudo isso foi pago com dinheiro público, e em sigilo: qualquer servidor que denuncie assédio precisa assinar um termo de confidencialidade, antes mesmo de iniciar a negociação.

O processo é lento: todo denunciante precisa passar por 30 dias de aconselhamento e depois fazer um novo pedido formal para uma mediação, desta vez com a presença do agressor. Ele pode firmar um acordo ou, então, decidir acionar a Justiça, mas só depois de 90 dias.

“O sistema foi feito para proteger o assediador. Não é um processo amigável para a vítima”, disse a uma TV a deputada democrata Jackie Speier, para quem o treinamento é só “um pequeno passo”.

Congressistas cobram uma regulação sobre o tema que [dê publicidade à ocorrência de casos de assédio](#) e estabeleça medidas corretivas e punitivas, hoje inexistentes. A Câmara deve votar nesta semana uma resolução que propõe revisar esse sistema.

*

BÊ-Á-BÁ DO ASSÉDIO SEXUAL

Itens do treinamento

O que é

Conduta indesejada de caráter sexual que ofende alguém

Quem o pratica

Qualquer pessoa pode ser um assediador, incluindo chefes, subordinados, fornecedores e clientes

Onde Acontece

- No ambiente de trabalho
- Em viagens a negócio
- Em eventos sociais
- Por meio de mensagens de texto
- Por meio de e-mails corporativos ou pessoais

Exemplos

- Toque íntimo ou indesejado
- Elogios fora de hora à aparência ou à roupa
- Convites para jantares ou encontros
- Comentários ofensivos em número significativo

44%

que trabalham na administração pública dos EUA já sofreram assédio

Duas trans concorrem ao Congresso americano e podem fazer história

(G1, 29/06/2016) Misty Snow, de 30 anos, concorre ao Senado pelo estado de Utah. Misty Plowright, de 33, disputa vaga na Câmara representando Colorado.

Duas mulheres transgênero foram selecionadas nas prévias eleitorais nos estados de Utah e do Colorado para disputar uma cadeira no Congresso americano, em 8 de novembro próximo.



Misty Snow, candidata democrata ao Senado, posa para foto em Salt Lake City, na terça (28) (Foto: AP Photo/Rick Bowmer)

Se forem eleitas, as democratas Misty Snow, de 30 anos, e Misty Plowright, de 33, farão história.

Funcionária de um supermercado, Snow concorre ao Senado, enquanto Plowright, uma veterana do Exército e ex-funcionária da Microsoft, disputará a Câmara dos Representantes.

Misty Snow é a primeira candidata trans de um grande partido a concorrer ao Senado. Em caso de vitória, também será a senadora mais jovem da Câmara alta.



A democrata Misty Plowright disputa vaga na Câmara de Representantes pelo Colorado (Foto: Divulgação/Misty Plowright)

“Embora eu não esteja concorrendo por ser uma mulher trans, minhas experiências como uma mulher trans me deram a empatia para entender as lutas dos grupos que sentem que o sonho americano está fora de alcance”, disse ela, em um comunicado.

“Estou concorrendo para dar voz aos sem voz”, completou.

As duas candidatas, que venceram suas respectivas primárias na terça (28), terão uma dura batalha pela frente, já que seus oponentes lideram as pesquisas.

Plowright não é a primeira trans a disputar a Câmara. Em 2000, a republicana Karen Kerin disputou uma vaga como representante por Vermont, mas perdeu - de forma esmagadora - para o agora candidato à Casa Branca e senador por esse mesmo estado, Bernie Sanders.

Acesse no site de origem: [Duas trans concorrem ao Congresso americano e](#)

[podem fazer história \(G1, 29/06/2016\)](#)